

Curt Nimuendaju na Bahia

O último quartel de 1938 reservou-me agradabilíssima surpresa ao anunciar-me a velha ama a visita de um senhor, que parecia "homem direito" mas de "nome esquisito, Mandacaju".

Grande foi o meu espanto, quando se me apresentou Curt Nimuendaju (1), meu velho conhecido através de estudos do nosso estranho mundo indígena. Viera procurar um insignificante diletante em Etnologia, a conselho dos frades franciscanos, no intuito de colher algumas informações pessoais a respeito do Sul do Estado da Bahia e principalmente no de inteirar-se do que existia publicado dos antigos viajantes e funcionários sobre os primitivos habitantes da região.

Principalmente na última parte pude satisfazer a sua curiosidade, mostrando-lhe o principal do que na matéria se conhecia.

Em decorrência, Nimuendaju passou duas semanas entre os meus livros. Só interrompia as suas leituras e notas na hora do almoço e este, para desespero da minha mulher, se restringia terminantemente a carne ou peixe, de preferência assados, feijão e farinha. Rara vez e apenas constrangido provava outros pratos.

Ainda me lembro vivamente das nossas discussões, principalmente sobre dialetologia tupi-guarani, livros guaranis e tupis dos jesuítas, a sua tendência unificadora, tanto dos dialetos guaranis de lá como dos tupis de cá, e sobre a última novidade: o velho dicionário tupi dos jesuítas, que finalmente acabara de sair à luz, em São Paulo.

Embora estivesse eu então atarefado em assuntos diferentes e mais práticos, foram momentos maravi-

lhosos, ainda que muito fugazes.

À sua volta da jornada oficial de observação, que o levou até Vitória, Nimuendaju não me achou em casa. Estava eu na ocasião em viagem. Dêsse de encontro originou-se a carta-relatório, cuja tradução ora se publica a pedido de amigos universitários ávidos por tais informações, principalmente quando fluem de pena tão abonada.

FREDERICO EDELWEISS

Belém do Pará, 15 de agosto de 1939.
Meu caro Edelweiss:

Quando passei na Bahia por ocasião da minha viagem de volta, de Vitória ao Pará, tornei a procurá-lo em sua residência para reiterar-lhe os meus agradecimentos pela franqueza com que pôs à minha disposição a sua maravilhosa biblioteca. Infelizmente não o encontrei.

Na qualidade de etnólogo deve sem dúvida interessá-lo saber o que ainda sobrevive dos nossos índios na região entre o Rio de Contas e o Rio Doce por mim visitada.

Observei o seguinte:

1º Em Olivença existem cerca de 300 descendentes dos *tupiniquins*, dos quais a terça parte mestiços e totalmente desculturados. Dois deles ainda falam alguma cousa da língua geral.

Os poucos sobreviventes dos índios costeiros de Barcelos, Trancoso etc. não visitei.

2º Os índios *baenãs* das cabeceiras do Rio Cachoeira de Itabuna contam uns dez indivíduos selvagens e hostis sem morada fixa. Não foram ainda classificados lingüisticamente. Talvez falem um dialeto pataxó.

3º Os *pataxós*, uma subtribo dos índios *hãhãái*, contam 16 indivíduos no Pôsto Paraguaçu do SPI nas margens do Rio Cachoeira. Os mais novos bancam os civilizados; os mais velhos ainda falam a sua língua e conservaram dois ou três elementos da cultura primitiva, mas não passam de polichinelos indígenas com os quais, em tal ambiente, nenhum trabalho científico foi possível empreender; muito o senti, porque êsses pataxós são os índios mais primitivos que até hoje encontrei.

Nas margens de um afluente esquerdo do Jequitinhonha ainda vivia há 4 anos um grupo de sete pessoas da mesma tribo, mas como depois nada mais dêles se soube é provável que esteja extinto.

4º Os *camacãs* que encontrei no Pôsto Paraguaçu estavam representados por uma mulher velha puro sangue e dez mestiços. A velha ainda fala a língua e se lembra de algumas tradições (2).

5º Os *índios de São Bento* somam cerca de 130 indivíduos dos quais 86 vivem no Pôsto Paraguaçu. Mais de 50 por cento são mestiços. Nada conservaram da sua língua e cultura primitivas e de já muito teriam sido absorvidos pela população sertaneja, se não fôsem sistematicamente perseguidos e afugentados. São na sua maioria descendentes dos *cariris*, dos *camurus* e *sapuiás*, da aldeia de Pedra Branca, perto de Amargosa, de onde foram expulsos a ferro e fogo. Em conjunto com alguns outros índios (tupiniquis? botocudos?) da aldeia de Troncoso fundaram então a aldeia Santa Rosa, perto de Jequié, de onde não demoraram a ser também expulsos. Depois de muitas andanças reuniram-se novamente em S. Bento, nas cabeceiras do Catolé, um afluente da margem esquerda do Rio Pardo. Não tardou que também ali se vissem despojados das suas casas e plantações, só lhes restando refugiar-se no Pôsto Paraguaçu, no que eu os aconselhei e amparei na medida das minhas possibilidades.

6º Os *maxacaris*, que se chamam a si mesmo *monatxóbm*, montam a

130 indivíduos, dos quais um terço de mestiços. Têm língua e religião próprias, apresentando êste interesse todo particular pelo culto às almas dos mortos inteiramente entregues aos homens, que o mantêm secreto. Isto explica a existência da "casa-dos-homens", cuja entrada é vedada às mulheres. Havia zuni-dores sagrados de que as mulheres não podiam tomar conhecimento e máscaras primitivas, que para as mulheres representavam almas de defuntos, etc. etc. Ainda mantém cerca de 50% da sua primitiva cultura material.

A tribo não vive em guerra aberta com os invasores do seu território, mas a situação é de contínuo sobressalto dentro da sua legítima gleba, que foi retalhada e vendida subrepticamente pelo último diretor do Pôsto. A qualquer momento pode haver derramamento de sangue e só me admira que já o não houvesse. Com o SPI a tribo não mantém contato (3).

Os *maxacaris* que vivem nas cabeceiras dos afluentes do Rio Itanhaém (Rio Alcobaça), próximos à fronteira da Bahia com Minas Gerais, são os únicos índios de toda a zona que ainda formam uma tribo e oferecem interesse etnológico. Entre 1816 e 1818 foram visitados por Saint Hilaire, Pohl e o príncipe de Wied-Neuwied. Desde então nada mais se soubera dêles. Não pertencem à família *jê*, (4) nem lingüística nem culturalmente, mas constituem com os *macunis*, *monoxós*, e *capoxós*, etc. já extintos uma família à parte, como Loufastka conseguiu comprovar há algum tempo.

7º Da família dos botocudos pude observar:

a) Dez indivíduos puros e outros tantos mestiços na região da antiga missão, hoje cidade de Tambacuri, no Estado de Minas Gerais. São restos das tribos *aranã*, *nacnianuc* e *poitxá*. Êstes últimos ainda eram hostis até 1908. A maioria ainda fala a sua língua, embora no mais estejam completamente desculturados.

b) No pôsto do SPI Guido Mar-

lière na margem setentrional do Rio Doce (Minas) vivem 35 descendentes da tribo *nacrehé* do Rio Manhuaçu. Cerca de 50 por cento são mestiços. Além da língua nada mais possuem da sua cultura original.

No mesmo pôsto ainda moram seis outros botocudos, sobreviventes das tribos *txonvúgn* (*crenác*), *nacpie* (*neutrác*) e *nactun*.

c) No Pôsto de Pancas, ao norte do Rio Doce (Espírito Santo) vivem 13 botocudos, doze deles da tribo *nacrehé* e um, o último da tribo *minhãirugn*, que ocupava antigamente as margens do Pancas (5).

8º No mesmo pôsto vivem, há dois anos, de 50 a 60 *guaranis* originários do Rio Grande do Sul de onde vieram pelo litoral. Na costa de São Paulo viram o seu número reforçado por outros *guaranis*. Os do Rio Grande deixaram-se ficar finalmente no Pôsto de Pancas, mas o troço paulista continuou a sua viagem ao longo do mar, aparentemente à procura da "terra sem mal". Nada sei do paradeiro atual.

Resumindo o resultado científico destas minhas andanças de oito meses, devo confessar que foi decepcionante, pois não passa: dos termos de parentesco e de resumida coleta de contos e lendas dos *camacãs*; de de um estudo muito superficial dos *maxacaris*; da lista dos termos de parentesco e de uma vasta árvore de costado de um bando botocudo, a qual ilustra fielmente a existência do sororato e levirato; de uma interessante coleção de contos e lendas do mesmo grupo que ilustram as suas idéias religiosas; de uma estátua de madeira que o último *nacpie* esculpiu para mim espontaneamente; na forma em que nos tempos idos entrava no culto aos *marét* (entes sôbrehumanos de ambos os sexos, visíveis apenas a uns poucos privilegiados).

Dos *pataxós*, *camacãs*, *maxacaris* e dos *botocudos* das tribos: *aranã*, *nacnhanuc*, *nacrehé*, *nactü* e *ninhãirugn* tomei notas lingüísticas sem maior valor. Dos *maxacaris* fiz uma coleção etnográfica de 260 objetos, que distribuí entre os museus do

Rio de Janeiro, Belém do Pará e Gotemburgo. Dos *pataxós*, consegui apenas uns poucos objetos.

Pelo mesmo correio tomo a liberdade de enviar-lhe algumas separatas de publicações minhas e muito lhe agradeceria se também se lembrar de mim nas suas futuras publicações.

Com gratas recordações, aqui permaneço o seu penhorado

CURT NIMUENDAJU

1 O próprio Nimuendaju foi sempre reticente, mesmo em colóquio informal comigo, quanto ao sentido deste seu nome apapocuva. Dos interpretadores, só o Prof. Egon Schaden nos oferece sugestões para uma tradução aceitável. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, 8: 56, 1954, nova série.

Entretanto, para um guaranista ou mesmo um tupinista, só a sílaba inicial *ni* e principalmente a final *ju* podem provocar dúvidas sem o auxílio de outros dialetos.

Ni corresponde ao pronome reflexivo tupi *nhe - se*.

mu é a forma apapocuva da partícula transitivadora *mo* de diversos dialetos tupi-guaranis.

endá, em tupi *endara* (*t-r-*), se traduz por: o que está quieto, o sedentário.

Nimuendá tem a forma *nhemoendara* em tupi e se traduz por: o que se aquieta, o que toma pouso.

ju advérbio apapocuva que parece poder traduzir sofrivelmente por: mesmo, certamente, definitivamente.

Portanto, *Nimuendaju* vem a ser: O que definitivamente toma pouso, — o que se incorpora.

2 Vide notícias mais desenvolvidas em Nimuendaju & Guérios. Cartas etno-lingüísticas. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, 2: 207-41, 1948, nova série.

3 Dados adicionais encontram-se em *Revista de Antropologia*. São Paulo, 6: 53-61, 1958.

4 O grifo lembra a discordância

surgida numa de nossas trocas de opiniões.

5 Vide Baldus, H. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo, Comissão do IV Centenário, 1954. v. 1, § 1110. O artigo desenvolve a organização social e as crenças dos botocudos.

INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DOS COMPUTADORES SÔBRE A FORMAÇÃO BIBLIOTECONÔMICA

O estudo a seguir reproduzido, de autoria de Alan M. Rees, da Escola de Ciências Biblioteconômicas da Case Western Reserve University, de Cleveland, EUA, foi publicado em *Bulletin de l'Unesco*, vol. XXIII, nº 1, jan./fev. 1969, pp. 28-33. A versão aqui apresentada foi usada, para estudo, pelos alunos da Escola de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal da Bahia. A tradução é da Profa. F. Liberato de Matos Carvalho.

A revolução processada no domínio das comunicações é agora um fato consumado, de todos conhecido. Os satélites e os computadores oferecem possibilidades, sem precedentes, de comunicação imediata. A noção de interação entre homem, computador, a tecnologia dos sistemas interativos e de múltiplos acessos permitirão uma ampliação e intensificação das ligações pelo computador próprias para transformar os meios tradicionais de comunicação. Vários grupos compostos de pesquisadores ligados entre si e agindo uns sobre os outros graças a redes de computadores já se constituíram (1). O certo é que as sociedades fornecedoras de serviços de documentação mecanizada chegarão um dia a vender as informações, assim como as companhias de ele-

tricidade vendem atualmente a corrente.

O papel que as bibliotecas terão no vasto domínio das comunicações por computador está longe de aparecer claramente. Ainda não foi estudada a influência que exercerá sobre a procura de documentos da biblioteca, a transmissão instantânea e direta das informações inscritas sobre um painel catódico. A intervenção de um intermediário, tal como o bibliotecário, poderá parecer supérflua ao indivíduo que tem acesso direto ao computador ou que, por intermédio do computador, está em contato com outras pessoas interessadas nas mesmas questões. É possível que a maior parte das necessidades em matéria de informação possa ser satisfeita por um diálogo direto. Pesquisas sobre a utilização dos conhecimentos registrados numa época em que existem redes de comunicação conectadas e interativas poderiam ser extremamente vantajosas. Ao curso dos próximos decênios se deverá examinar os objetivos tradicionais das bibliotecas e a missão dos bibliotecários, levando igualmente em conta as modificações sociais em matéria de comunicação que os progressos científicos e técnicos recentes tornaram possíveis, no domínio das comunicações.

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NOS PROGRAMAS DAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA

A formação dos bibliotecários foi adaptada às mudanças verificadas no domínio das comunicações? Certos aspectos de sua evolução indicam uma tomada de consciência da aparição de uma ciência e de uma tecnologia da informação, assim como das incidências sobre as atribuições e os serviços duma biblioteca? É evidente que vários programas de estudos foram, até certo ponto, atualizados. No início de 1967, 25 escolas de biblioteconomia reconhecidas pela ALA ofereciam pelo menos um curso sobre a ciência da